

A língua portuguesa não perde a identidade, nas suas variantes

Nunca haverá uma língua portuguesa uniforme, e ainda bem que assim é. Há variantes, que só a enriquecem, nos diversos países e continentes em que é utilizada. Para mim, e de certeza que para milhões de leitores, é sempre uma experiência deslumbrante verificar como esta língua, mantendo-se a mesma, se transfigura, como é plástica e flexível e nos revela potencialidades insuspeitadas noutros continentes, de Guimarães Rosa a Clarice Lispector, de Drummond de Andrade a Ruben Fonseca, de Mia Couto a José Craveirinha ou Suleiman Cassamo, de Manuel Rui e Ana Paula Tavares a Germano Almeida, a Luis Cardoso e a todos os outros escritores (e são felizmente muitíssimo numerosos) que a usam, lhe dão brilho e a expandem, através de novos modos não só de enunciar ou nomear, mas também de olhar e entender o mundo.

Enquanto escritora sinto que é estimulante a consciência de fazer parte de um conjunto muito vasto de produtores de textos, que, de diversos modos, noutros lugares do globo, utilizam a mesma língua do que eu.

Verifica-se aliás que o que se passa com a língua portuguesa no mundo é mais interessante do que o que aconteceu noutros casos. O exemplo mais flagrante é o de Inglaterra, que, sem nunca fazer qualquer Acordo, passou a sua norma linguística aos territórios de língua inglesa (com excepção dos Estados Unidos, que seguiram um caminho próprio) de tal modo que os autores das ex-colónias inglesas, da Índia por exemplo, escrevem no mesmo inglês padronizado de Oxford ou de Cambridge, quer vivam em Inglaterra ou na Índia. A nível da linguagem, não se distinguem dos escritores britânicos.

No caso português não é assim, e ainda bem, porque a diversidade nos enriquece. Cada país lusófono usa a língua portuguesa a seu modo, e obviamente que Portugal não tem nada com isso, e só pode regozijar-se por acontecer assim. É claro que também nenhum país lusófono nos pode pedir contas do uso que fazemos da língua que se formou aqui, e **também** é nossa, convém não esquecer, embora não tenhamos mais direito a ela do que qualquer dos outros. Tudo o que não respeite estes pressupostos é jogada política embrulhada em conversa. Escrever batista em vez de baptista facilita-nos os negócios ou a vida? Vamos, de vez, pôr de lado essa ideia irracional e olhar a realidade: nos vários continentes a língua portuguesa ri, canta e dança livremente, e jura que nunca, mas nunca, será uniforme. E ainda bem. É um fantástico veículo de expressão, para quem souber usá-la.

Teolinda Gersão

(Artigo publicado no Jornal de Letras em 2010 e no Facebook em 2012)